

PROJETO | MEMÓRIA EM AÇÃO: AS MINHAS MEMÓRIAS, A NOSSA HISTÓRIA



Foto: Museu de Lagos | Lídia Moreira

ENTREVISTA

EDUARDO MARQUES DA COSTA nasceu em Bensafrim, concelho de Lagos, em 1937.

Concluiu o Ensino Primário. Profissionalmente, foi carpinteiro e ferreiro, entre outras ocupações.

Em 25 de Abril de 1974, Eduardo Marques da Costa vivia em Bensafrim e trabalhava em Lagos, onde soube da notícia.

DESCRIÇÃO

Código de Referência: PT/ML/AML/C/3/35/000041

Título: Entrevista a Eduardo Marques da Costa

Data: 16/02/2024

Local: Instalações da União de Freguesias de Bensafrim e Barão de São João

Tipo: Entrevista áudio formato M4A

Duração de gravação: 00:47:54

Entrevistador: Museu de Lagos / Patrícia J. Palma

Registo fotográfico: Museu de Lagos / Lídia Moreira

Transcrição, revisão e edição: Museu de Lagos / Patrícia J. Palma

Texto revisto e validado pelo entrevistado a 30/04/2024.



Patrícia de Jesus Palma (PJP): *Senhor Eduardo, muito obrigada pela sua disponibilidade em colaborar com o projeto Memória em Ação, aceitando conversar conosco sobre as suas memórias relativas ao 25 de Abril de 1974. Começo por lhe perguntar: o senhor vivia em Bensafrim, foi aqui que aprendeu a sua profissão?*

Eduardo Marques da Costa (EMC): Olhe, havia aqui uma oficina e carros de tração animal. Saí da escola, fui para ali e ali aprendi alguma coisa. Aprendi a trabalhar com a madeira, com o ferro.

PJP: *E esteve nessa arte a vida toda?*

EMC: Não. Depois, o patrão tornou-se velho, deixou de trabalhar e depois eu saí da oficina e andei trabalhando por aqui e por ali.

PJP: *Como era o nome do patrão dessa oficina onde aprendeu?*

EMC: António Velhinho. Isto foi, tinha eu 11 anos, 12 anos, talvez.

PJP: *Portanto, quando saiu da escola, foi logo aprender a profissão?*

EMC: Fui logo para ali. E depois andei por aí e fui... A minha senhora tinha uma irmã em Via Longa, foi ser operada e nós fomos para lá. Arranjei lá trabalho uns meses e depois vim para cá. Andava aí, depois um senhor que já morreu, era o Hernâni, era encarregado da oficina da fábrica da cortiça.

PJP: *Foi trabalhar para a fábrica da cortiça em Lagos?*

EMC: Mandou recado para eu ir lá e eu fiquei lá, trabalhei lá muitos anos até aquilo...

PJP: *Fechar?*

EMC: Ainda antes daquilo fechar, fui... Havia lá um café, ia lá beber um cafezinho, havia uns moços que trabalhavam no hotel de Lagos: “– Vai pedir ao Hotel de Lagos que eles dão-te trabalho.”

PJP: *No Hotel de Lagos?*

EMC: Fui para lá e fui aceite.

PJP: *E fazia o quê?*

EMC: Estava na manutenção de carpinteiro.

PJP: *E na fábrica de cortiça, o que é que fazia?*

EMC: Fazia de carpinteiro e de ferreiro. Trabalhava na madeira e no ferro.

PJP: Portanto, essa aprendizagem dos 11 anos aqui em Bensafrim serviu-lhe para a vida toda?

EMC: Sim, sim, serviu-me. E ali na fábrica da cortiça trabalhava-se muito, quer dizer trabalhava-se para fora. Para a construção civil, com picaretas...

PJP: *Que vinham aqui afiar, não era? Diga-me uma coisa: o senhor é aqui de Bensafrim, havia aqui a fábrica da cortiça, então, e a roda para afiar não era de pedra grés? Lembra-se disso, onde afiavam as ferramentas?*

EMC: O meu patrão tinha ferramentas de corte, a gente chamava-lhe pedra de farinheira.

PJP: *Que é aquela pedra vermelha...*

EMC: Sim, vermelha, sim.

PJP: *E onde é que a iam buscar?*

EMC: Aqui na zona da Fronteira vieram... Olhe, eu já não lembro os anos, vieram aqui uns senhores de Silves, da fábrica da cortiça, talvez de Silves, para afiar as facas, vieram buscar aqui umas quantas pedras, aqui na zona da Fronteira.

PJP: *E aqui não havia ninguém que trabalhasse a extração da pedra?*

EMC: Não, não havia, não, não. Muitos, que tinham conhecimento, vinham e levavam já a pedra em bruto e na fábrica da cortiça também tinha vermelha. Havia uma vermelha, havia uma vermelha e amarela, mas a vermelha era sempre mais rija. Tinha uns pontinhos vermelhos e gastava boa e a gente punha-se ali...

PJP: *Com um fiozinho de água, não era?*

EMC: Tinha um buraquinho com um buraquinho, um fiozinho...

PJP: *Para ir desfazendo...*

EMC: Para não trabalhar em seco e criava aquela, uma espécie de capa...

PJP: *Goma?*

EMC: Pois, e a gente à manivela...

PJP: *E na fábrica da cortiça trabalhou ainda quantos anos?*

EMC: Quase 20.

PJP: *Até fechar?*

EMC: Aquilo depois começou a falhar e eu fui para o Hotel de Lagos. Fui lá ao Hotel de Lagos, fui em janeiro, e entrava logo a trabalhar. Eu disse não, e depois fui trabalhar em fevereiro de 199... e qualquer coisa, trabalhei sete anos no Hotel de Lagos até...

PJP: *Até à reforma?*

EMC: Não, ainda era muito novo na altura. E depois o Hotel de Lagos começou a reduzir pessoal, viemos logo no primeiro embarque, 50 de todas as especialidades: carpinteiros, eletricitas, canalizadores, empregados de bar, restaurante, mulheres da limpeza, dos quartos... E depois andei por aí nos biscates. Depois, na altura, estava aqui o Fernando Luís, presidente da Junta, ah, e ainda fui para o fundo de desemprego. Iam lá chamar-me e depois estava lá o filho do Mariano, tem uma drogaria....

PJP: *Em Lagos?*

EMC: Em Lagos, sim, e a filha dele trabalhava lá e era amiga do Fernando, o Fernando que veio aqui para a Junta. E o Fernando dizia:

“– Eh, pá, não tenho nada para dar ao homem.

– Deixa da mão, pões o homem como polivalente.”

E aqui fiquei até à reforma.

PJP: *Acabou aqui a sua carreira na Junta de Freguesia?*

EMC: Pois.

PJP: *A fazer de um pouco de tudo o que fosse preciso?*

EMC: Pois, depois trabalhava, já morreu, como Zé da Silva, depois, nós éramos muito amigos, desde moços novos e...

PJP: *Fizeram boa camaradagem?*

EMC: Fizemos. Ele trabalhava de pedreiro e eu era servente. Fazia-se muita coisa, carpinteiro e tudo, fizemos muita coisa aqui! A gente inventava coisas para facilitar o trabalho.

PJP: *Fizeram uma boa equipa nessa altura.*

EMC: E havia um senhor, que também já morreu, éramos três na altura.

PJP: *Foi aqui que se reformou?*

EMC: Na altura, fui meter os papéis e eles não queriam que eu fosse para a reforma...

PJP: *Fazia falta!*

EMC: Fazia falta, tinha confiança, digo eu assim: “– Não, já chega.” E já tenho o que queria, arranjei umas casas, consegui arranjar umas casas. Ah! E depois a minha senhora foi para a fábrica da cortiça também e aquilo aumentou muito, sapatos e...

PJP: *O trabalho aumentou muito?*

EMC: Andavam lá quase trezentas pessoas na altura.

PJP: *Era muita gente...*

EMC: Era muita gente.

PJP: *E ainda trabalharam lá os dois ao mesmo tempo?*

EMC: Sim, ela trabalhava numa secção e eu... Ah, e eu fazia de tudo e depois eu alejei-me, cortei este dedo, este e este ficou logo pendurado, este cortou assim, este cortou assim, depois fui trabalhar para... Havia uma máquina para cortar as solas para os sapatos, uma máquina grande, e não trabalhei mais como carpinteiro, fui trabalhar com a máquina até...

PJP: *Até sair de lá esteve sempre nessa máquina das solas? E a sua esposa trabalhava em que secção?*

EMC: Quando fazia falta, trabalhava na secção que eu trabalhava, quando não, trabalhava noutra secção.

PJP: *Senhor Eduardo, quando se dá o 25 de Abril em 74, onde é que estava?*

EMC: Estava na cortiça. Já estava na cortiça, fui para lá em 19/06/1970.

PJP: *E o pessoal na fábrica da cortiça já reivindicava?*

EMC: Havia lá alguns, que já tinham saído. Tiveram problemas no 1.º de Maio...

PJP: *Mas antes do 25 de Abril?*

EMC: Sim, sim. De vez em quando, aparecia lá a PIDE. Alguns, aquele homem ainda foi incomodado, ele e mais alguns, e depois havia lá alguns que tinham inclinação comunista, a polícia já os conhecia e andava em cima deles. A gente chegámos lá, um dia oh, estava lá uma senhora, também era de tendência comunista, ela cantava muito bem, oh!, começa a cantar, oh!

PJP: *Era uma festa!*

EMC: Foi uma festa, uma alegria enorme! Depois, a gente estava muito unidos e aquilo correu tudo bem, correu tudo bem, é verdade.

PJP: *Portanto, havia já lá gente associada contra o regime...*

EMC: Sim, sim, havia muita gente que estava...

PJP: *E não havia o sentimento de medo, havendo lá às vezes a presença da PIDE?*

EMC: Sim, na altura, eu não trabalhava lá na altura, isto foi muito antes de eu ir para lá, de alguns terem problemas, ainda foram incomodados.

PJP: *E no dia do 25 de Abril foi trabalhar?*

EMC: Fomos trabalhar todos.

PJP: *E quando chegou à fábrica?*

EMC: Uma alegria enorme das pessoas! E os encarregados aderiram, os encarregados estavam com a gente e a gente com eles e depois o gerente começou a aderir com reivindicações e tal... Até pôs uma cantina, pôs uma creche...

PJP: *Tudo na fábrica?*

EMC: Tudo na fábrica. Fizeram instalações de creche, tiraram mulheres para cuidar dos bebés e a cantina e tudo.

PJP: *Houve várias melhorias. E os dias seguintes ali ao 25 de Abril até ao 1.º de Maio, lembra-se do ambiente da cidade ou aqui em Bensafrim?*

EMC: Sim, depois as pessoas começaram a ver as televisões, rádio e começaram, muita gente já... Olhe, eu, pessoalmente, tinha uma rádio e ouvia a “Voz de Portugal” na altura. Aquilo era proibido e outros canais também ouvia...

PJP: *Baixinho?*

EMC: Pois, na altura, na guerra de Angola e outras, ouvia e, um dia, disse ao meu encarregado: há isto assim e assim. “– Então traz lá a telefonia.” Que ele também era um bocado inclinado para o comunista. Oh! Eu levava o rádio e, estando na hora, ia chamá-lo.

PJP: *Para ele ouvir também. Então, ouvia a telefonia lá no trabalho? Ou era em casa?*

EMC: Ouvia em casa e depois levava para o trabalho, a certas horas do dia e a certas horas da noite. Ah, e antes disso, foi em 56/57, estava trabalhando em Aljezur e estava fazendo lá uma creche, ou que era, e havia lá o encarregado da obra, também tinha um rádio a pilhas, na altura não havia luz lá, e íamos eu cá e o meu padrão, íamos ouvir o rádio Moscovo na altura, e outra parece que era a “Voz de Portugal”, ou que era... De maneira que...

PJP: *E era o guarda da obra é que tinha o rádio e iam ouvir todos juntos?*

EMC: E a gente ouvia e dizia assim: “– Isto será verdade?” O senhor dizia: “– É.” De maneira que depois comprei o rádio e descobri aquilo. Era na onda curta, chamavam-lhe a onda curta, na altura.

PJP: *E essas conversas eram para ter aqui entre os amigos, ou não eram conversas que se tivessem?*

EMC: Não, era muita gente que ouvia, já antes do 25 de Abril. Depois, o meu encarregado tinha confiança em mim e eu tinha nele...

PJP: *Partilhavam esse segredo. Então, e lembra-se de depois ir ouvir os comícios, foi ouvir algum comício nesses dias a seguir?*

EMC: Às vezes vinham aqui, ali para a escola fazer. Ouvi alguns, ouvia.

PJP: *Era os partidos que vinham, cada um, apresentar as suas ideias?*

EMC: Pois, e puxar a brasa à sardinha deles. Mas não fui a muitos, não fui a muitos comícios.

PJP: *Participou logo nas primeiras eleições? Lembra-se disso?*

EMC: Lembro-me. Depois, veio então aquela coisa do voto, a gente só votava, pois, antigamente, só se votava quem tinha ido à tropa. Aqui, na altura, das eleições, no tempo do Américo Tomás¹ – o Américo Tomás era muito rato! – Vinha aqui a Sagres ver o pôr-de-sol, mas ele parece que era chefe de contrabandistas na altura, vinha ali com o senhor da Vila do Bispo e vinha ver o pôr-de-sol, diziam eles! Mas não era o pôr-de-sol que ele vinha ver, ele vinha era fazer outras coisas – era o que contavam as pessoas! Isto em cinquenta e tal, pois... Ele veio aqui inaugurar a barragem em 1959, eu estava na tropa em Estremoz, e eu estava lá na cantina e vi no noticiário das 8, e vi...

¹ Presidente da República Portuguesa entre 1958 e 1974.

PJP: *A notícia aqui da barragem a Bravura?*

EMC: Digo eu: “– Eh, olha lá aquilo é a barragem da minha terra!” E estava em Estremoz naquela altura e foi em 59, foi. Eles têm ali uma placa e 58, mas é em maio de 59.

Ah, e depois do 25 de Abril, a coisa começou-se a...

PJP: *E do recenseamento, estava a lembrar-se do recenseamento, que quem votava era quem ia à tropa, estava a dizer, mas depois houve o recenseamento... Lembra-se de andarem a fazer o recenseamento? Era gente aqui da terra?*

EMC: Lembro-me. Não tenho bem a certeza. Mas, no tempo da outra senhora, o meu padrinho era presidente da Junta...

PJP: *Como é que ele se chamava, o seu padrinho?*

EMC: José Vicente Rodrigues. E depois iam dar os votos de casa a casa. Alguns já tinham morrido!...

PJP: *E ainda votavam?*

EMC: Votavam morto e vivo, votava tudo. E encarregava-me e eu ganhava bem, o governo, na altura, pagava bem. Corria aí a freguesia toda a dar votos!

PJP: *Quem é que ia dar esses votos?*

EMC: Eu.

PJP: *Era o senhor Eduardo que ia distribuir os votos?*

EMC: Ia, ainda fui um ano ou dois.

PJP: *Porque, na altura, o seu padrinho era aqui o presidente da Junta e, então, fez esse recado de ir distribuir e ganhavam?*

EMC: Pois, ganhava bem.

PJP: *Entregava o voto, a pessoa votava e trazia?*

EMC: Ia o envelope com o nome. A gente entregava o envelope que era para votar.

PJP: *E trazia logo o voto?*

EMC: Não, não, depois vinha votar aqui à freguesia.

PJP: *Então, depois do 25 de Abril há esse recenseamento, em que os mortos, em princípio, deixaram de votar?...*

EMC: Naquele tempo valia tudo.

PJP: Lembra-se das primeiras eleições pós 25 de Abril? Havia muita gente a ir votar?

EMC: Havia, havia muita afluência. Houve muita afluência na altura.

PJP: *E era aqui na Junta, era na escola, era onde?*

EMC: Olhe, não me lembro se começou primeiro aqui, se foi logo na escola. Isso não me lembro. Depois apareceu o Mário Soares, muita gente daqui gostou do Mário Soares, só votavam era no Mário Soares, no Partido Socialista. O Partido Socialista aqui ganhou sempre, aqui, em Barão de São João... Ainda me lembro do Mário Soares vir aqui.

PJP: *Veio aqui a Bensafrim?*

EMC: Veio, não me lembro do ano. Estávamos ali em frente e ele estava todo chateado que o presidente da Junta da altura não aparecia. E eu cá disse assim: “– Calma, sô’ Doutor, ele já vem!” Depois, lá apareceu. Ah! E o Marcelo Caetano² também ainda apareceu cá, na altura do sismo [1969].

PJP: *Estava cá, quando aconteceu o sismo?*

EMC: Estava, estava. Eh, pá, começa uma coisa.... Diz a mulher assim: “– Isto é um sismo!” Levantei-me para ir abrir a porta. Não dava aberto a porta. Tombou. Depois, quando voltou ao normal é que eu consegui abrir a porta e sair para a rua. Só se ouvia gritar, para aqui, para além...

PJP: E houve muitas casas aqui destruídas e pessoas feridas?

EMC: Ali onde destruiu mais foi onde está o supermercado, aquela zona ali ficou tudo destruído. Eram casas de pedra e barro, por aí assim ficou muito destruído. A minha também ficou, caiu uma parte da empena, era um bocado alta, caiu uma parte. Aqui também, vê-se daqui, estava um casal de velhotes na altura, caiu uma pedra em cima da cama, mas eles já não estavam lá. E ali, como era a tal pedra farinheira, aguentou.

PJP: *E então as pessoas que ficaram nessa altura sem casa, ou com as casas afetadas, foram viver para onde?*

EMC: Pois, aquilo depois veio umas barracas em madeira, ali à frente do senhor tinha um quintal na frente....

PJP: *À frente de?*

² Primeiro-Ministro de Portugal entre 1968 e 1974.

EMC: De onde é que morávamos e puseram umas casas de madeira.

PJP: No seu quintal?

EMC: Não, no meu não. O meu, eu depois fui, pus as coisas numa casa, e depois fui dormir na casa de uma tia.

PJP: Mas, houve pessoas que foram para essas casas de madeira que foram instaladas?

EMC: Pois, depois veio umas casas de madeira, além para onde está o bairro para essas pessoas.

PJP: O Bairro da Zona Verde?

EMC: O Bairro da Zona Verde. Depois, outras ficaram com os familiares e depois outras ficaram, e eu tive que mudar quando a casa foi reconstruída, tive de mudar, fui dormir à casa de uma tia minha.

PJP: Quem é que reconstruiu as casas? Eram as pessoas ou houve alguma ajuda?

EMC: Depois veio cá o Marcelo Caetano e depois veio materiais e depois veio a urbanização que começaram a construir...

PJP: Portanto, foi o Estado que pagou essa reconstrução das casas?

EMC: Pois, e os empreiteiros trabalhavam – aí, como é que era? – à percentagem, na altura.

PJP: Na altura, houve esse grande abalo e é também a partir dessa altura que começam também a haver outras melhorias em Bensafrim? Como é que era aldeia nessa altura?

EMC: A aldeia, nessa altura, era melhor do que é agora. Passou a vila, piorou. É verdade. As pessoas dizem e é. Havia muito comércio.

PJP: Mas de coisas que eram produzidas aqui, ou que vinham de fora?

EMC: Algumas vinham de fora, como hoje ainda, mas havia muito comércio aqui, mercearias, havia uma loja que tinha roupa e as coisas apareciam...

PJP: Havia aqui também atividades de palma, esparto, que as pessoas faziam?

EMC: As pessoas faziam. Faziam palma...

PJP: Carvão, extração de cortiça?

EMC: Havia muitos tiradores de cortiça aqui, carvoeiros era o forte, havia muito carvoeiro, havia muito carro de tração animal, transportavam lenha para as fábricas de conserva e para Portimão, para os hotéis; cortiça para Faro, Silves; havia quatro ou cinco mercearias e também antes, na altura da guerra de 1940/45, havia muita falta, era um problema para as pessoas encontrarem um tempero, azeite e óleo e banha... Havia um problema, um problema muito grande na altura.

PJP: *E aqui, havia esses produtos, ou vinham de fora?*

EMC: Vinham de fora e havia esses oportunistas. E, depois, veio as senhas. Eu lembro-me: o meu pai ia trabalhar, trabalhava no campo, eu tinha seis, sete anos, já não me lembro bem, ele ia para a fila do pão, apanhava metade de um pão ou um quarto, ia para o trabalho e eu ficava para apanhar o resto.

PJP: *E trazia para casa esse resto...*

EMC: Trazia para casa... Depois, veio as senhas. Depois, já a coisa normalizou. Cada senha tinha direito a... Cada pessoa, nós éramos quatro, tinha direito a 250, 1/2 de 1lt de azeite, 1/2 de 1lt de petróleo, 1/4 de pão. A gente fazia 1 pão: os 4 dava para 1 pão. E, depois, as pessoas trocavam umas com as outras.

PJP: *O que um tinha e o outro não tinha, trocavam? Nem havia dinheiro à mistura?*

EMC: Era uma vida de crise, de crise! A gente não passava fome, mas a fome passava a gente! Havia quem temperava a comida com sebo de borrego! Depois apareceu, chamavam-lhe o feijão das colónias, de Angola e Moçambique...

PJP: *Também estive lá fora no serviço militar?*

EMC: Fui mobilizado para a Índia, mas depois, foi em 60, foi para lá um destacamento para render a malta e eu estava em casa de licença e fui chamado para ir para Santa Margarida lá para esse destacamento. Depois, eu fui desmobilizado em março, abril.

PJP: *Voltou à sua terra?*

EMC: Voltei ao fim de um tempo. Estive lá até 61, março de 1961.

PJP: *E depois do 25 de Abril começa a haver alguns melhoramentos na aldeia?*

EMC: Pouco a pouco, pouco a pouco. As Juntas tinham pouco dinheiro na altura. Antes do 25 de Abril estava aqui gente, presidentes da junta, muito conservadores, não investiam. Ou tinham pouco dinheiro, ou queriam guardar o dinheiro para outras coisas, não investiam nada, eram muito mal de investir. E depois começou a aparecer.

Melhoramentos aqui, muito pouco. Esteve aqui um senhor, que também era muito conservador, que era o Bago d'Uva, fez aqui este edifício na altura.

PJP: *E a luz? Lembra-se de quando é que chegou aqui a Bensafrim?*

EMC: Chegou em 58, talvez antes. Não me lembro bem, não sei se foi em maio de 1958, 57...

PJP: *Nessa altura, onde tinham estado as casas de madeira, é depois nesse sítio que é construído este novo bairro?*

EMC: O Bairro a Zona Verde, sim. Depois fizeram aquele bairro que está ali, da Câmara, e as pessoas das barracas de madeira vieram para ali³. E algumas barracas também foram distribuídas.

PJP: *Lembra-se de ter sido formada essa comissão de moradores aqui em Bensafrim? Chegou a participar?*

EMC: Não, não.

PJP: *Nem em associações? De associações, o que é que havia?*

EMC: Não tenho ideia nenhuma, não sei se fizeram associação de moradores se não. Tenho impressão que não.

PJP: *Acho que terão feito para o Bairro da Zona Verde...*

EMC: Ali houve, sim. Conseguiram fazer aquilo. Até fizeram vários projetos. Adaptaram aquilo que está agora. Pediram-me se eu me queria inscrever, mas eu não me queria inscrever além. Depois eu comprei aqui uma casa, as casas estavam em bruto e reconstruí aquilo. Há 40 anos que moro ali.

PJP: *Foi o sr. Eduardo que fez a casa?*

EMC: Pois a casa estava em bruto, depois comprámos aquilo, vim para ali morar em 83, setembro de 83 que moro ali.

PJP: *Entretanto, a aldeia tem crescido?*

EMC: Cresceu muito.

PJP: *Acha muitas diferenças?*

³ Bairro de habitação económica de promoção pública estatal, localizado na rua João de Deus.

EMC: Cresceu além aquele bairro (Zona Verde), cresceu aquele ali (da Câmara, rua João de Deus) e depois as pessoas construíram as casas, cresceu muito. Todos os anos evoluíram. Hoje construía eu, amanhã fazia o vizinho e por aí fora... Ah, e fizeram ali atrás o parque urbano...

PJP: *Ali próximo à ribeira?*

EMC: Sim, eu moro ali próximo. Eu estou em casa e estou a ver as festas.

PJP: *Então e as festas aqui em Bensafrim são rijas?*

EMC: Já foram! Olhe, a juventude agora não presta para nada! Antigamente, havia aqui, antes do 25 de Abril, as pessoas, ao domingo à tarde, um grupo de raparigas, dois, três grupos de raparigas, estrada abaixo, voltavam para a estrada que vai para Barão, todos os domingos à tarde, na Primavera, faziam estes passeios. Hoje, não se vê ninguém na rua!

PJP: *Estão nos computadores?*

EMC: Computadores, telemóveis, não sabem brincar... A gente divertia-se, lá em cima no poço, tem lá um largo, fazia-se lá o mastro...

PJP: *A festa era lá junto ao poço?*

EMC: Pelo São Pedro, comprávamos umas bebidas, uns licores, aquilo era uma festa! E pela Páscoa, a partilha de folares.

PJP: *Era feito na aldeia ou era fora?*

EMC: Era fora. Subiam além à rocha, partia-se o folar... Antigamente, divertia-se mais do que hoje.

PJP: *E a festa no Verão, a festa da igreja?*

EMC: Havia a festa de São Bartolomeu, de São Luís, iam benzer os animais ali atrás.

PJP: *Havia o leilão das chouriças?*

EMC: Havia a festa das almas.

PJP: *Era em que altura?*

EMC: Na Páscoa. E as pessoas compravam: 4 ou cinco, uma chouriça, 4 ou 5 uma morcela, e as pessoas compravam. Era engraçado.

PJP: *Então, era a de São Bartolomeu, a de São Luís e a das Almas? Ou a das Almas é a mesma?*

EMC: Não, não. A festa das Almas era na altura da Páscoa.

PJP: *E a de São Luís era quando?*

EMC: Agora não me lembro. A de São Bartolomeu era em agosto, olhe, não me lembro... A gente “éramos” moços, íamos mais as raparigas, íamos para o campo apanhar ramagens, enfeitar as ruas.

PJP: *Enfeitavam as ruas todas aqui da aldeia?*

EMC: Enfeitávamos a nossa.

PJP: Cada grupo enfeitava a sua rua?

EMC: Pois.

PJP: *E depois havia bailaricos?*

EMC: Depois era a procissão, depois, os bailaricos começaram... Havia aqui um salão para os bailes. Faziam bailes pelo Carnaval, pela Páscoa...

PJP: *Tem alguma história engraçada sobre a vida aqui em Bensafirim, que gostasse de contar?*

EMC: A história é que as pessoas no Entrudo arranjavam panelas e tachos de barro e jogavam uns para os outros. Quem perdesse, tinha que pagar a maquia.

PJP: *Isso era uma grande despesa! E os tachos tinham alguma coisa dentro?*

EMC: Não tinham nada.

PJP: *Não podiam era cair no chão?*

EMC: Havia dois grupos, arranjavam muitos tachos e panelas em barro pretas do fogo e depois jogavam à panela e, depois, no fim, jantava-se e organizava-se um almoço ou jantar...

PJP: *Quem é que organizava, quem perdia ou quem ganhava o jogo?*

EMC: Os dois. Assim mais histórias não sei.

PJP: *Acha que a vida aqui em Bensafirim está muito diferente do que era?*

EMC: Oh, sim!

PJP: *A relação das pessoas é diferente?*

EMC: É. Juntavam-se aqui, havia aqui muita tasca, entretinham-se, jogavam ao palito, entretinham-se ali, ouviam na rádio a bola, não havia televisão na altura. A televisão veio para aqui em 60...

PJP: *Onde é que iam ver televisão?*

EMC: Havia aí cafés que tinham. A senhora que fazia bailes também tinha uma televisão, pagávamos 5 tostões e davam um rebuçado.

PJP: *Pagavam? Quem ia ver televisão dava uma ajuda?*

EMC: Uma ajuda e em troca davam um rebuçado... E outros não davam.

PJP: Senhor Eduardo, muito obrigada pelo seu testemunho.

Referência para citação: MUSEU DE LAGOS / PALMA, Patrícia de Jesus – *Entrevista a Eduardo Marques da Costa*. 2024-02-16. 14 p. Acessível, com a ref.^a PT/ML/AML/C/3/35/000041, em <https://abrir.link/nMrbR>.